



Boletim do Comércio Exterior Paraense 2026





GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
Helder Zaluth Barbalho
Governador do Estado do Pará



FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS (FAPESPA)

Marcel do Nascimento Botelho
Diretor-Presidente

Deyvison Andrey Medrado Gonçalves
Diretor Científico

Márcio Ivan Lopes Ponte de Souza
Diretor de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas e Análise Conjuntural

Atyliana do Socorro Leão Dias
Diretora de Estatística, Tecnologia e Gestão da Informação

Luziane Cravo Silva
Diretora de Pesquisas e Estudos Ambientais

Juliano Gotardo Pancieri
Diretor Administrativo

Nicolau Sávio de Oliveira Ferrari
Diretor de Operações Técnicas

Diocélia do Socorro Pereira Nery da Costa
Diretora de Planejamento, Orçamento e Finanças



EXPEDIENTE

Publicação Oficial:

© 2026 Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas — Fapespa

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

Elaboração, edição e distribuição:

Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas — Fapespa

Endereço: Av. Presidente Vargas, 670.

Bairro: Campina – Belém – PA, CEP: 66.017-000.

Disponível em: www.fapespa.pa.gov.br

Diretor-Presidente

Marcel do Nascimento Botelho

Diretor de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas e Análise Conjuntural - DIEPSAC

Márcio Ivan Lopes Ponte de Souza

Coordenador de Estudos Econômicos e Análise Conjuntural - CEEAC

Marcelo Santos Chaves

Coordenadora de Estudos Sociais - CES

Jessica Aline Duarte Lopes

Elaboração Técnica

Marcelo Santos Chaves

Marcilio da Silva Matos

Raimundo Victor Oliveira Santos

Revisão Técnica

Elisandro Ribeiro da Costa

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução da taxa de câmbio e dos índices de commodities – Brasil (2012–2025)	8
Gráfico 2 – Evolução da proporção das exportações sobre o PIB – Pará x Brasil (2002–2025)	9
Gráfico 3 – Evolução do saldo da balança comercial, Brasil x Pará (1997–2025)	10
Gráfico 4 – Saldo da balança comercial das unidades federativas, Brasil (2025)	11
Gráfico 5 – Evolução da quantidade exportada pelo Pará e sua participação nas exportações totais do país, Brasil x Pará (1997–2025)	15
Gráfico 6 – Composição das vias de escoamento das exportações, Pará (2025)	22
Gráfico 7 – Evolução das variações da quantidade importada – Brasil x Pará (1998–2025)	23
Gráfico 8 – Evolução da quantidade exportada de soja e sua participação nas exportações totais do país – Pará (1997–2025)	31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ranking das dez unidades federativas com maior saldo positivo na balança comercial, Brasil (2024–2025)	12
Tabela 2 – Ranking dos dez municípios com maior saldo na balança comercial, Brasil (2024–2025)	13
Tabela 3 – Os dez produtos paraenses com maior valor exportado, comparado à média nacional, Brasil x Pará (2025)	14
Tabela 4 – Ranking das unidades federativas com maior valor exportado, Brasil (2024–2025).....	15
Tabela 5 – Ranking dos dez municípios com maior valor exportado, Pará (2024–2025).....	17
Tabela 6 – Ranking dos dez produtos com maior valor exportado, Pará (2024–2025)	17
Tabela 7 – Valor exportado por Atividade econômica, Pará (2024–2025)	18
Tabela 8 – Destino das exportações por blocos econômicos, Pará (2024–2025)	19
Tabela 9 – Ranking dos dez países de destino das exportações, Pará (2024–2025)	20
Tabela 10 – Ranking dos dez produtos da pauta exportadora, por país de destino, Pará (2024–2025)	21
Tabela 11 – Variação do valor importado, por unidade federativa (2024–2025).....	24
Tabela 12 – Variação do valor importado, por município – Pará (2024–2025)	25
Tabela 13 – Valor importado, por produto – Pará (2024–2025)	26
Tabela 14 – Variação do valor importado, por atividade econômica – Pará (2024–2025)....	27
Tabela 15 – Variação do valor importado, por bloco econômico – Pará (2024–2025)	28
Tabela 16 – Ranking dos dez países de origem dos maiores valores importados – Pará (2024–2025)	29
Tabela 17 – Ranking dos dez produtos com maiores valores importados, por país de origem – Pará (2024–2025).....	30
Tabela 18 – Ranking das unidades federativas com maior quantidade de soja exportada – Brasil (2024–2025).....	32
Tabela 19 – Ranking dos municípios com maior quantidade exportada de soja – Pará (2024–2025)	33



SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. Balança comercial: Brasil x Pará.....	9
3. Exportações paraenses.....	13
3.1 Destino das exportações paraenses	19
4. Importações paraenses	22
4.1 Origem das importações paraenses	28
5. Box – o contexto das exportações de soja no Pará	31
5.1 Panorama do contexto da moratória da soja no Pará em 2026	34
6. Conclusão.....	36
Referências	38

1. Introdução

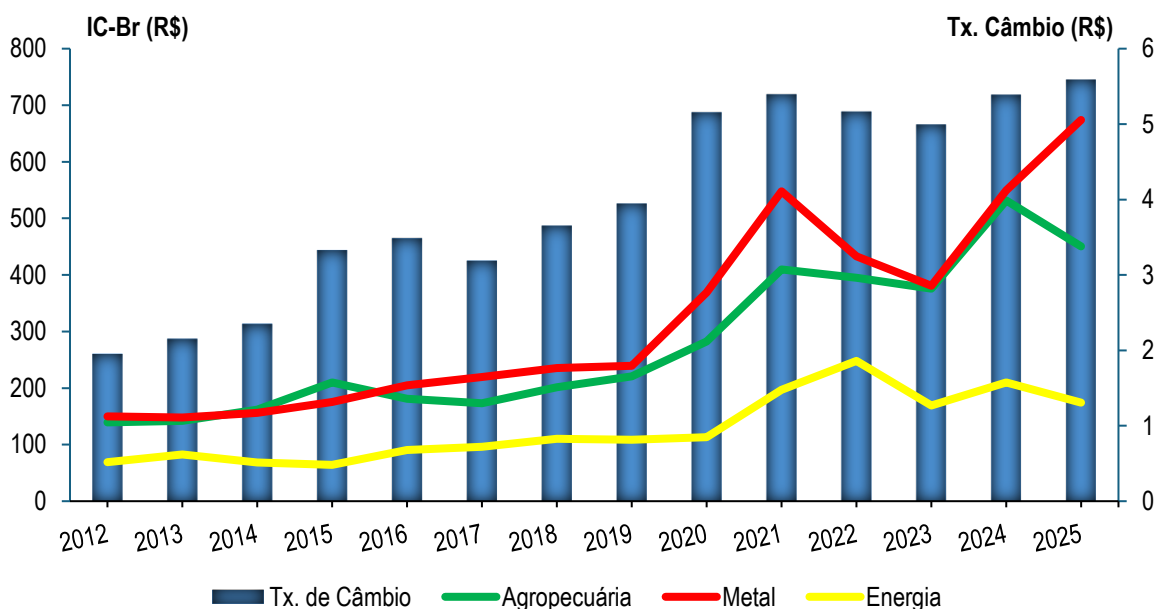
O comércio exterior mundial atravessa um período marcado por transformações estruturais relevantes, influenciadas por mudanças geopolíticas, reconfiguração das cadeias globais de valor, avanços tecnológicos e maior volatilidade nos mercados internacionais. A crescente demanda por alimentos, energia e minerais estratégicos mantém as commodities no centro das trocas globais, ao mesmo tempo em que fatores como sustentabilidade, segurança logística e diversificação de fornecedores ganham peso nas decisões de comércio. Nesse contexto, países com elevada dotação de recursos naturais assumem papel estratégico na oferta global, ao mesmo tempo em que enfrentam o desafio de agregar valor, ampliar competitividade e reduzir vulnerabilidades externas.

Inserido nesse cenário, o Brasil consolida-se como um dos principais players do comércio internacional de commodities, com destaque para o agronegócio e a mineração, segmentos nos quais o estado do Pará exerce papel central. As exportações representam um vetor fundamental para a economia paraense, ao impulsionarem a geração de renda, empregos e investimentos em infraestrutura logística, além de fortalecerem a integração do estado aos fluxos globais de comércio. Para um território fortemente produtor de bens primários, como o Pará, o desempenho exportador não apenas reflete sua competitividade externa, mas também condiciona o dinamismo econômico interno, tornando o acompanhamento sistemático do comércio exterior um instrumento essencial para o planejamento, a formulação de políticas públicas e a promoção do desenvolvimento regional sustentável.

Há, neste contexto, uma trajetória de valorização gradual da taxa de câmbio ao longo do período que vai de 2012 a 2025, com aceleração mais intensa a partir de 2020, refletindo o ambiente de maior instabilidade econômica e financeira observado nos últimos anos. Esse movimento cambial ocorre de forma concomitante à elevação dos índices de commodities, ainda que com comportamentos diferenciados entre os segmentos. O índice de metais apresenta crescimento expressivo, sobretudo entre 2020 e 2021, seguido de oscilações, mas mantendo patamar elevado até 2025, em linha com a forte demanda internacional e com a desvalorização cambial, que favorece a competitividade das exportações. A agropecuária também mostra tendência de alta no médio prazo, com avanço consistente até 2021, leve acomodação em 2022 e nova elevação em 2024, indicando sensibilidade tanto às condições do mercado externo quanto ao câmbio. Já o índice de energia revela maior volatilidade, com forte elevação em 2021 e 2022, seguida de retração e posterior recomposição parcial, refletindo choques globais de oferta e

demanda. De modo geral, o gráfico sugere que a desvalorização do real atuou como fator de estímulo aos preços das commodities em moeda nacional, reforçando a importância do câmbio como variável-chave para o desempenho dos setores exportadores brasileiros (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Evolução da taxa de câmbio e dos índices de commodities – Brasil (2012–2025)



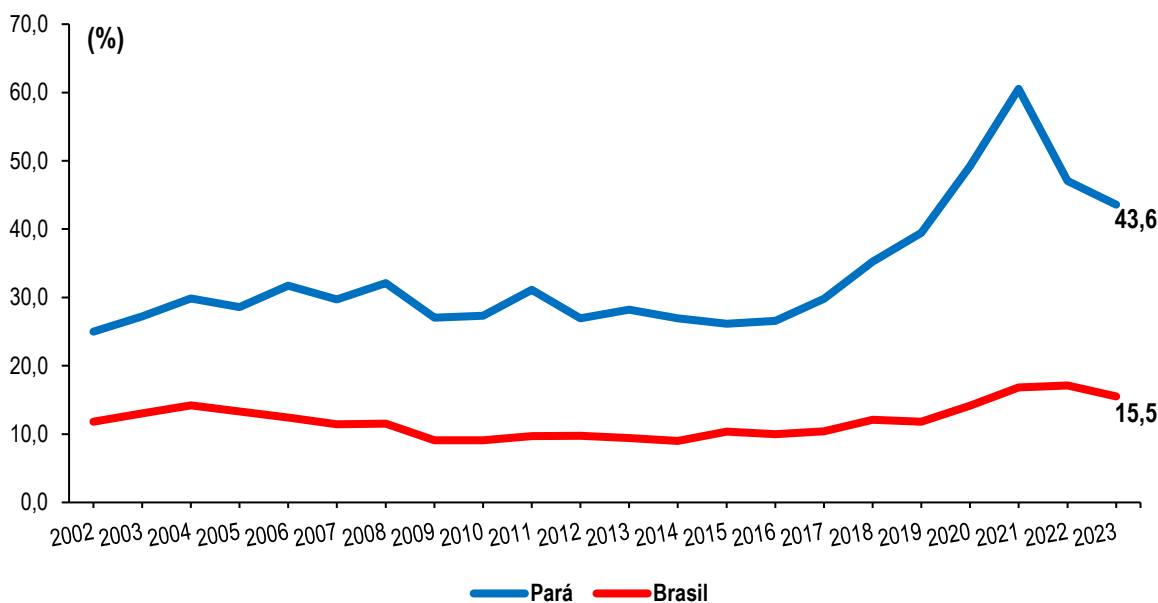
Fonte: Ipeadata; Bacen, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Nota: taxa de câmbio - R\$ / US\$ - comercial - compra - média.

Outro indicador importante é a proporção das exportações em relação ao PIB, no caso do estado do Pará, que se mantém significativamente superior à média nacional, refletindo a elevada dependência da economia paraense do setor externo. Enquanto o Brasil apresenta trajetória relativamente estável, oscilando em torno de 10% a 15% do PIB, o Pará registra níveis persistentemente mais elevados, variando entre aproximadamente 25% e 60%. Após certa estabilidade até meados da década de 2010, observa-se forte aceleração da razão exportações/PIB no Pará a partir de 2017, com pico em 2021, quando ultrapassa 60%, impulsionada pelo bom desempenho das commodities minerais e agrícolas e pela valorização dos preços internacionais. Nos anos seguintes, há recuo, mas o indicador permanece em patamar elevado, atingindo cerca de 43,6% em 2023. Esse comportamento contrasta com o do Brasil, que também apresenta elevação no pós-2020, porém de forma mais moderada, alcançando 15,5% em 2023. O diferencial observado reforça o caráter fortemente exportador da economia paraense e sua maior sensibilidade às flutuações do comércio internacional e dos preços das commodities, em comparação com a estrutura produtiva mais diversificada da economia brasileira (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Evolução da proporção das exportações sobre o PIB – Pará x Brasil (2002–2025)



Fonte: ComexStat; IBGE; Fapespa, 2026.
Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

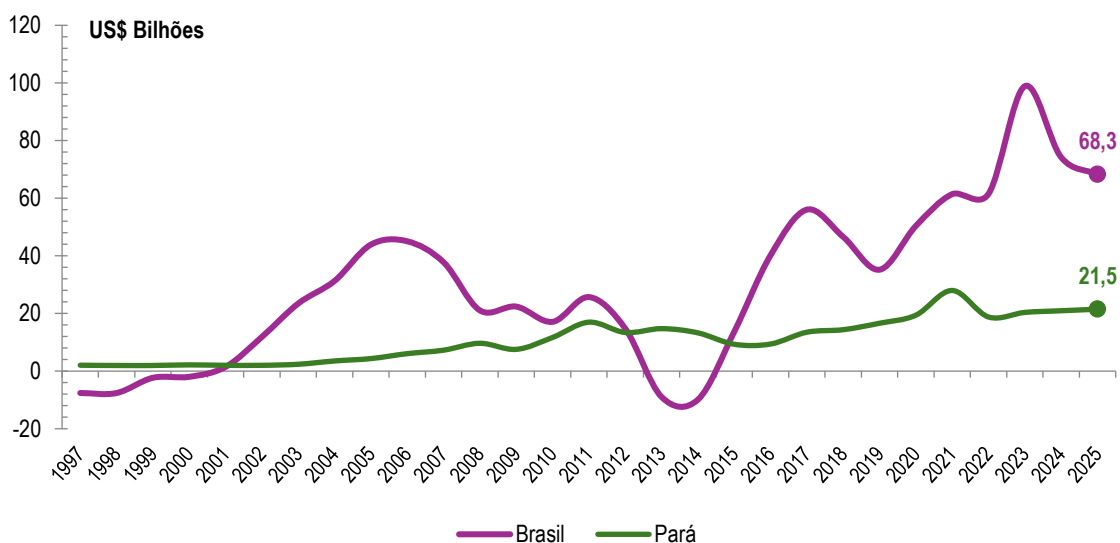
Para o detalhamento da análise do comércio externo da economia paraense, este *Boletim do Comércio Exterior do Estado do Pará 2025* abrange, ao longo de 5 capítulos, a conjuntura da balança comercial do estado, a partir de indicadores oficiais das esferas nacional, estadual e municipal, dentre os quais se destacam as quantidades e os valores exportados e importados, suas variações, os principais produtos e parceiros comerciais, além da contextualização da moratória da soja. Estes elementos possibilitarão mensurar a capacidade econômica do estado do Pará em relação às suas transações com o setor externo global.

2. Balança comercial: Brasil x Pará

A balança comercial paraense é um dos principais indicadores econômicos do estado do Pará, refletindo a diferença entre as exportações e as importações realizadas pela região. O Pará se destaca no cenário nacional por ser um dos maiores exportadores de commodities minerais, como minério de ferro, bauxita e cobre, além de produtos da agropecuária como soja e carne bovina processada. Esse desempenho é impulsionado por sua vasta riqueza natural, pela infraestrutura portuária estratégica e pela demanda global por recursos naturais. Apesar do superávit recorrente, o desafio está na diversificação da pauta exportadora e na agregação de valor aos produtos comercializados, promovendo maior desenvolvimento econômico e social no estado.

Entre 1997 e 2025, o saldo comercial do Pará cresceu a uma taxa média de 10,9% ao ano, com destaque para o pico registrado em 2021, quando alcançou US\$ 27,9 bilhões. Embora tenha recuado nos anos seguintes, o estado manteve resultados positivos, atingindo um saldo de US\$ 21,5 bilhões em 2025. Em comparação ao desempenho nacional, o Pará registrou saldos inferiores à média brasileira em grande parte da série, mas manteve maior estabilidade, sem apresentar déficits comerciais, diferentemente do Brasil, que enfrentou períodos de saldos negativos e fortes oscilações (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Evolução do saldo da balança comercial, Brasil x Pará (1997–2025)

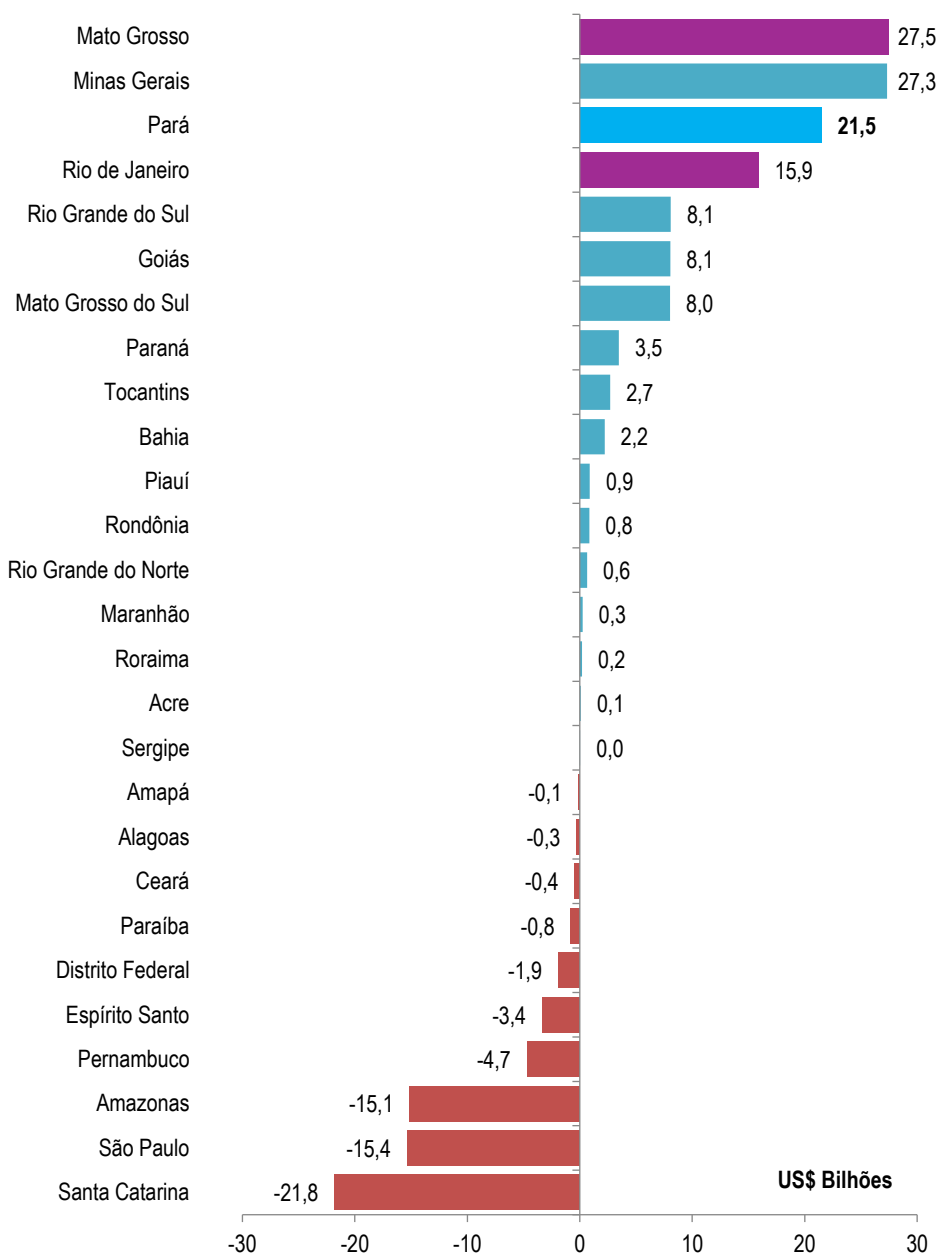


Fonte: MIDC, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Em 2025, dezesseis estados brasileiros registraram saldos positivos na balança comercial, demonstrando a força exportadora de várias regiões do país. O Pará destacou-se ao alcançar o terceiro maior saldo positivo, superando estados importantes, como o Rio de Janeiro. Esse desempenho reforça o papel estratégico do Pará na economia nacional, especialmente por sua relevância na exportação de commodities minerais e produtos primários, que continuam impulsionando o crescimento econômico do estado (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Saldo da balança comercial das unidades federativas, Brasil (2025)



Fonte: MIDC, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Entre os dez estados brasileiros com os maiores saldos positivos na balança comercial em 2025, seis apresentaram crescimento em relação ao ano anterior. O Pará destacou-se nesse grupo ao registrar um aumento de 2,6% em seu saldo comercial, desempenho que lhe permitiu manter a terceira posição no ranking nacional, à frente do Rio de Janeiro. Este, por sua vez, assim como outros três estados ranqueados, apresentou redução no saldo comercial, movimento que contribuiu para o déficit da balança comercial brasileira no período. O resultado do Pará reforça a

relevância do estado no comércio exterior nacional e evidencia sua capacidade de sustentar uma trajetória de crescimento consistente, mesmo em um contexto de instabilidade econômica (Tabela 1).

Tabela 1 – Ranking das dez unidades federativas com maior saldo positivo na balança comercial, Brasil (2024–2025)

Ordem	BR/UF	US\$ Bilhões		Var. (%) 2025/2024
		2024	2025	
	Brasil	74,2	68,3	-7,9
1º	Mato Grosso	24,9	27,5	10,5
2º	Minas Gerais	25,0	27,3	9,1
3º	Pará	20,9	21,5	2,6
4º	Rio de Janeiro	17,8	15,9	-10,9
5º	Rio Grande do Sul	9,0	8,1	-9,7
6º	Goiás	6,7	8,1	20,0
7º	Mato Grosso do Sul	7,2	8,0	11,8
8º	Paraná	3,8	3,5	-7,3
9º	Paraná	3,8	3,5	-7,3
10º	Tocantins	2,4	2,7	13,5

Fonte: MIDC, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Três municípios paraenses destacaram-se entre os dez maiores saldos positivos da balança comercial brasileira em 2025: Canaã dos Carajás, Parauapebas e Marabá. Canaã dos Carajás alcançou a segunda posição no ranking nacional, com saldo positivo de US\$ 6,5 bilhões, enquanto Parauapebas ocupou a terceira colocação, com US\$ 5,0 bilhões. Marabá, por sua vez, posicionou-se em oitavo lugar, registrando saldo comercial de US\$ 2,9 bilhões.

Na comparação com o ano anterior, Canaã dos Carajás e Parauapebas apresentaram retração em seus saldos comerciais, com variações negativas de 2,2% e 17,5%, respectivamente. Em contraste, Marabá registrou crescimento expressivo de 18,4% no saldo comercial, desempenho que possibilitou sua entrada no ranking nacional (Tabela 2).

Tabela 2 – Ranking dos dez municípios com maior saldo na balança comercial, Brasil (2024–2025)

Ordem	Municípios	US\$ Bilhões		Var. (%) 2025/2024
		2024	2025	
1º	Rio de Janeiro - RJ	18,5	30,1	62,6
2º	Canaã dos Carajás - PA	6,6	6,5	-2,2
3º	Parauapebas - PA	6,1	5,0	-17,5
4º	Paranaguá - PR	4,1	3,6	-12,7
5º	Itaguaí - RJ	3,0	3,3	8,7
6º	Rio Verde - GO	3,0	3,3	8,6
7º	Santos - SP	5,6	3,0	-47,2
8º	Marabá - PA	2,4	2,9	18,4
9º	Varginha - MG	1,2	2,5	101,2
10º	Sorriso - MT	2,6	2,4	-7,2

Fonte: MIDC, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

A trajetória da balança comercial paraense demonstra a relevância do estado no comércio exterior brasileiro, impulsionada principalmente pelo setor mineral. Com saldo consistentemente positivo e crescimento significativo, o Pará não apenas consolidou sua posição entre os maiores exportadores do país, mas também evidenciou o protagonismo de municípios como Canaã dos Carajás, Parauapebas e Marabá. Esses resultados destacam a importância de estratégias voltadas à diversificação da pauta exportadora e à agregação de valor aos produtos, promovendo um desenvolvimento econômico ainda mais robusto e sustentável para o estado.

3. Exportações paraenses

As exportações do estado do Pará desempenham papel fundamental na economia local e nacional, sendo impulsionadas principalmente pelo setor mineral. O estado é um dos maiores exportadores brasileiros de minério de ferro, cobre e bauxita, além de produtos do agronegócio, como gado e soja.

Entre os dez produtos paraenses com maior valor exportado em 2025, nove apresentaram valores superiores à média nacional, com destaque para os minérios de ferro, de cobre e para a alumina, que se sobressaíram de forma significativa no cenário brasileiro. A soja foi o único produto com valor inferior à média nacional, refletindo a maior competitividade de outras regiões produtoras nesse segmento. Destacam-se, ainda, dois produtos da carne bovina que também registraram desempenho superior à média nacional, enquanto os demais itens pertencem ao setor mineral.

Esses resultados reforçam o protagonismo do setor mineral nas exportações do Pará e sua expressiva contribuição para a balança comercial do estado, com participação relevante também da soja e da carne bovina (Tabela 3).

Tabela 3 – Os dez produtos paraenses com maior valor exportado, comparado à média nacional, Brasil x Pará (2025)

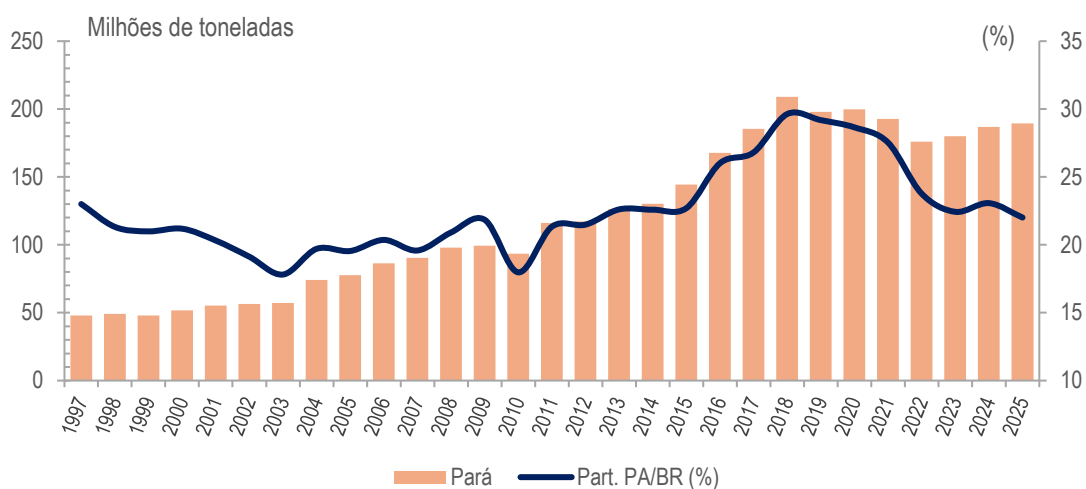
Código NCM	Descrição	US\$ Bilhões		Classificação do Pará
		Média Nacional	Pará	
26011100	Minérios de ferro	2,0	11,6	Acima da Média
26030090	Outros minérios de cobre	0,4	3,6	Acima da Média
28182010	Alumina calcinada	0,4	1,9	Acima da Média
12019000	Soja	1,9	1,6	Abaixo da Média
02023000	Carnes desossadas de bovino	0,6	1,2	Acima da Média
76011000	Alumínio não ligado	0,2	0,6	Acima da Média
71081210	Bulhão dourado	0,4	0,6	Acima da Média
01022990	Outros bovinos vivos	0,1	0,6	Acima da Média
26030010	Sulfetos de minérios de cobre	0,2	0,3	Acima da Média
72026000	Ferro-níquel	0,2	0,3	Acima da Média

Fonte: MIDC, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

A análise do volume das exportações paraenses, entre 1997 e 2025, evidencia crescimento expressivo na quantidade exportada, que passou de 48 milhões para 189,4 milhões de toneladas, representando uma expansão de quase quatro vezes no período. Esse avanço ocorreu em consonância com a expansão das exportações nacionais, mantendo a participação do Pará em torno de 23% do total brasileiro ao longo da série histórica. O pico dessa participação foi registrado em 2018, quando o estado alcançou 29,6% das exportações brasileiras, ano em que também se observou o maior volume exportado da série (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Evolução da quantidade exportada pelo Pará e sua participação nas exportações totais do país, Brasil x Pará (1997-2025)



Fonte: MIDC, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Em 2025, o Pará alcançou a quinta posição no ranking nacional de exportações, com vendas externas totalizando US\$ 24,2 bilhões, o que correspondeu a 7% do total exportado pelo Brasil. Em relação a 2024, o estado registrou crescimento de 5,4%, desempenho superior à média nacional, que foi de 3,5%, fator que contribuiu para a ascensão de uma posição no ranking nacional (Tabela 4).

Tabela 4 – Ranking das unidades federativas com maior valor exportado, Brasil (2024–2025)

Ordem	UF	US\$ bilhões		Var. (%) 2025/2024	Part. (%) 2025
		2024	2025		
	Brasil	337,0	348,7	3,5	100,0
1º	São Paulo	71,4	71,2	-0,4	20,4
2º	Rio de Janeiro	45,8	48,1	5,0	13,8
3º	Minas Gerais	42,1	45,7	8,6	13,1
4º	Mato Grosso	27,6	30,1	9,0	8,6
5º	Pará	23,0	24,2	5,4	7,0
6º	Paraná	23,3	23,6	1,2	6,8
7º	Rio Grande do Sul	21,9	21,5	-1,9	6,2
8º	Goiás	12,3	13,4	8,9	3,8
9º	Santa Catarina	11,7	12,2	4,4	3,5
10º	Bahia	11,9	11,5	-3,2	3,3
11º	Mato Grosso do Sul	10,0	10,7	7,5	3,1
12º	Espírito Santo	10,7	10,5	-2,6	3,0

13°	Maranhão	5,6	5,0	-10,3	1,4
14°	Rondônia	2,6	3,1	17,2	0,9
15°	Tocantins	2,5	3,0	21,7	0,9
16°	Pernambuco	2,2	2,5	16,4	0,7
17°	Ceará	1,5	2,3	55,6	0,7
18°	Piauí	1,4	1,2	-14,3	0,3
19°	Rio Grande do Norte	1,1	1,1	-4,9	0,3
20°	Amazonas	1,0	0,9	-3,1	0,3
21°	Alagoas	0,9	0,8	-8,9	0,2
22°	Sergipe	0,4	0,4	-0,1	0,1
23°	Distrito Federal	0,3	0,3	5,9	0,1
24°	Roraima	0,3	0,2	-23,3	0,1
25°	Paraíba	0,2	0,2	8,0	0,1
26°	Amapá	0,2	0,1	-10,4	0,0
27°	Acre	0,1	0,1	13,3	0,0

Fonte: MIDC, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Em 2025, cerca de 90% das exportações do Pará tiveram origem em apenas dez municípios, evidenciando elevada concentração territorial das vendas externas. Canaã dos Carajás liderou o ranking estadual, com exportações de US\$ 6,6 bilhões, o equivalente a 27% do total exportado pelo estado. Parauapebas ocupou a segunda posição, com participação de 21,8%, seguido por Barcarena, que respondeu por 13,9% das exportações paraenses (Tabela 5).

Na comparação com 2024, Itaituba apresentou o maior crescimento percentual (132,2%); contudo, o maior impacto positivo para o desempenho estadual decorreu da expansão de 22,6% das exportações de Marabá. Adicionalmente, o crescimento de 95,1% observado nos demais municípios contribuiu de forma relevante para o resultado positivo do Pará. Por outro lado, quatro municípios do ranking registraram retração nas exportações, com destaque para Redenção, que apresentou a maior queda percentual (-50,4%). Ainda assim, o maior impacto negativo para o estado foi a redução de 15,5% nas exportações de Parauapebas (Tabela 5).

Tabela 5 – Ranking dos dez municípios com maior valor exportado, Pará (2024–2025)

Ordem	Município	US\$ Bilhões		Var. (%) 2025/2024	Part. (%) 2025
		2024	2025		
	Pará	23,0	24,2	5,4	100,0
1º	Canaã dos Carajás	6,7	6,6	-2,2	27,0
2º	Parauapebas	6,2	5,3	-15,5	21,8
3º	Barcarena	3,2	3,4	5,0	13,9
4º	Marabá	2,6	3,2	22,6	13,1
5º	Itaituba	0,3	0,7	132,2	3,1
6º	Paragominas	0,8	0,7	-8,0	3,0
7º	Curionópolis	0,5	0,7	40,5	2,8
8º	Santarém	0,3	0,4	38,2	1,8
9º	Redenção	0,8	0,4	-50,4	1,6
10º	Castanhal	0,2	0,3	36,5	1,4
-	Demais municípios	1,3	2,5	95,1	10,5

Fonte: MIDC, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Em 2025, aproximadamente 92% das exportações do Pará concentraram-se em apenas dez produtos da pauta exportadora estadual, evidenciando elevado grau de concentração. O minério de ferro liderou as vendas externas, com participação de 48% do total, alcançando US\$ 11,6 bilhões. O cobre ocupou a segunda posição, respondendo por 14,8% das exportações, seguido pela alumina, com participação de 7,8% (Tabela 6).

Apesar do desempenho positivo agregado, dois produtos registraram retração, com destaque para o minério de ferro, que apresentou a maior queda (-9%). Em contrapartida, as exportações de bulhão dourado apresentaram o maior crescimento percentual (425,5%), enquanto o cobre foi o produto com maior impacto positivo sobre o desempenho estadual, ao registrar expansão de 23,3% (Tabela 6).

Tabela 6 – Ranking dos dez produtos com maior valor exportado, Pará (2024–2025)

Posição	Código NCM	Descrição	US\$ Bilhões		Var. (%) 2025/2024	Part. (%) 2025
			2024	2025		
		Total	23,0	24,2	5,4	100,0
1º	26011100	Minérios de ferro	12,8	11,6	-9,0	48,0
2º	26030090	Outros minérios de cobre	2,9	3,6	23,3	14,8
3º	28182010	Alumina calcinada	1,9	1,9	-0,7	7,8
4º	12019000	Soja	1,5	1,6	6,9	6,6

5º	02023000	Carnes desossadas de bovino	0,7	1,2	70,3	4,8
6º	76011000	Alumínio não ligado	0,5	0,6	17,5	2,7
7º	71081210	Bulhão dourado	0,1	0,6	425,5	2,6
8º	01022990	Outros bovinos vivos	0,5	0,6	19,5	2,4
9º	26030010	Sulfetos de minérios de cobre	0,1	0,3	117,6	1,3
10º	72026000	Ferro-níquel	0,1	0,3	84,0	1,1
-	-	Demais Produtos	1,8	1,9	8,8	8,0

Fonte: MIDC, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

A análise das exportações do Pará por atividade econômica evidencia a predominância da indústria extrativa na pauta de comercialização externa do estado. Em 2025, esse setor respondeu por 65,3% das exportações paraenses, enquanto a indústria de transformação representou 24% e a agropecuária contribuiu com 10,7% (Tabela 7).

Na comparação com 2024, as exportações da indústria extrativa registraram retração de 1,9%. Em contrapartida, a indústria de transformação apresentou crescimento expressivo de 29,3%, e a agropecuária registrou aumento de 9,4% no valor exportado. Esses resultados indicam que, apesar da retração da indústria extrativa, o setor mineral permanece como protagonista da pauta exportadora estadual. Ademais, o bom desempenho da indústria de transformação e da agropecuária foi determinante para o resultado positivo do estado, reforçando a importância da diversificação produtiva como estratégia para reduzir a dependência de commodities minerais (Tabela 7).

Tabela 7 – Valor exportado por atividade econômica, Pará (2024–2025)

Atividade econômica (ISIC)	US\$ Bilhões		Var. (%) 2025/2024	Part. (%) 2025
	2024	2025		
Pará	23,0	24,2	5,4	100,0
Indústria extrativa	16,1	15,8	-1,9	65,3
Indústria de transformação	4,5	5,8	29,3	24,0
Agropecuária	2,4	2,6	9,4	10,7
Outros produtos	0,003	0,004	42,6	0,0

Fonte: MIDC, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Os dados analisados confirmam a elevada dependência do Pará em relação às exportações minerais, com a indústria extrativa mantendo-se como o principal pilar da pauta exportadora estadual, apesar da leve retração observada em 2025. O desempenho positivo das

exportações no período foi sustentado, sobretudo, pelo avanço da indústria de transformação e da agropecuária, que compensaram parcialmente a queda do setor extrativo. Ainda assim, a forte concentração das exportações em um número restrito de produtos e municípios evidencia a vulnerabilidade do estado a oscilações do mercado internacional de commodities minerais, reforçando a necessidade de aprofundar estratégias de diversificação produtiva e territorial, de modo a promover maior sustentabilidade econômica e reduzir riscos associados à especialização excessiva.

3.1 Destino das exportações paraenses

A análise dos destinos das exportações paraenses em 2025 indica que a Ásia, excluindo o Oriente Médio, permaneceu como o principal mercado demandante, com importações no valor de US\$ 14,9 bilhões. A Europa ocupou a segunda posição, com US\$ 6,1 bilhões, sendo que a União Europeia respondeu por US\$ 4 bilhões desse total. A América do Norte figurou como o quarto principal destino, com US\$ 1,8 bilhão em importações provenientes do Pará (Tabela 8).

Na comparação com 2024, a demanda asiática registrou crescimento de 2,4%. Em ritmo mais acelerado, as exportações destinadas à Europa e à União Europeia apresentaram aumentos de 17,5% e 10,8%, respectivamente. A América do Norte registrou crescimento mais moderado, de 2,4%, o que permitiu manter sua posição no ranking frente à Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), cuja demanda cresceu 10,5%. Paralelamente, outros blocos econômicos apresentaram retração, com destaque para o Oriente Médio, que registrou queda de 23,9% nas importações de produtos paraenses. Esses resultados apontam para maior diversificação dos destinos das exportações do estado, com destaque para o fortalecimento da demanda europeia (Tabela 8).

Tabela 8 – Destino das exportações por blocos econômicos, Pará (2024–2025)

Blocos econômicos	US\$ Bilhões		Var. (%) 2025/2024
	2024	2025	
Ásia (Exceto Oriente Médio)	14,6	14,9	2,4
Europa	5,2	6,1	17,5
União Europeia (UE)	3,6	4,0	10,8
América do Norte	1,7	1,8	2,4
Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)	1,5	1,7	10,5
Oriente Médio	1,0	0,7	-23,9
África	0,3	0,5	55,7
América Central e Caribe	0,1	0,1	-19,1

Oceania	0,0	0,05	73,2
América do Sul	0,05	0,04	-16,8
Mercado Comum do Sul –(Mercosul)	0,01	0,01	-9,2
Comunidade Andina das Nações (CAN)	0,01	0,01	-21,5

Fonte: MIDC, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Em 2025, aproximadamente 77% das exportações do Pará destinaram-se a apenas dez países, evidenciando elevada concentração geográfica. A China manteve-se como o principal destino das vendas externas do estado, absorvendo quase metade do total exportado, com demanda de US\$ 11 bilhões, o equivalente a 45,6% das exportações paraenses. A Malásia ocupou a segunda posição, com participação de 5,6%, seguida pelos Estados Unidos, que responderam por 4,3% das exportações do estado (Tabela 9).

Na comparação com 2024, metade dos países presentes no ranking ampliou suas importações, com destaque para a Índia, que registrou crescimento expressivo de 1.020,4%, configurando o maior impacto positivo sobre o desempenho exportador do Pará. Em sentido oposto, o Canadá apresentou a maior retração percentual entre os países ranqueados, com queda de 16,5%. Ainda assim, o maior impacto negativo, em termos absolutos, decorreu da redução de 2,9% nas exportações destinadas à China, dada sua elevada participação na pauta estadual (Tabela 9).

Tabela 9 – Ranking dos dez países de destino das exportações, Pará (2024–2025)

Posição	Destino	US\$ Bilhões		Var. (%) 2025/2024	Part. (%) 2025
		2024	2025		
	Total Geral	23,0	24,2	5,4	100,0
1º	China	11,4	11,0	-2,9	45,6
2º	Malásia	1,1	1,4	18,6	5,6
3º	Estados Unidos	0,8	1,0	23,8	4,3
4º	Japão	1,0	1,0	-1,7	4,2
5º	Noruega	0,9	0,9	-0,1	3,5
6º	Alemanha	0,7	0,8	8,7	3,1
7º	Espanha	0,4	0,7	89,6	2,9
8º	Canadá	0,8	0,7	-16,5	2,8
9º	Índia	0,1	0,6	1.020,4	2,6
10º	Países Baixos (Holanda)	0,7	0,6	-8,7	2,6
-	Demais países	5,1	5,5	7,7	22,8

Fonte: MIDC, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

A análise dos dez principais produtos da pauta exportadora do Pará, por país de destino, em 2025, evidencia a China como principal parceiro comercial do estado, figurando como o maior demandante de cinco produtos: minério de ferro, soja, carne bovina, sulfetos de cobre e ferro-níquel. Em comparação a 2024, observa-se que a demanda chinesa por minério de ferro recuou 11,6%, movimento que contribuiu para a queda das exportações da indústria extrativa. Em contrapartida, as exportações de soja e de carne bovina para a China — produtos tradicionalmente relevantes na relação comercial bilateral — apresentaram crescimento expressivo, de 34% e 80,5%, respectivamente. Ademais, verificou-se aumento significativo das exportações de sulfetos de cobre e ferro-níquel para o mercado chinês, o que inseriu esses produtos entre os dez principais itens da pauta exportadora do Pará (Tabela 10).

No mercado europeu, a Alemanha destacou-se como principal destino do cobre, com crescimento de 8% nas importações do produto. A Noruega manteve-se como o maior destino da alumina, registrando aumento de 0,2% em relação ao ano anterior. O Japão consolidou-se como principal comprador de alumínio, ampliando suas importações em 12,8%. Destaca-se, ainda, a Suíça, que se tornou o principal destino do bulhão dourado, com crescimento expressivo de 552,5%, colocando o produto entre os itens relevantes da pauta exportadora estadual. Por fim, o Iraque figurou como principal comprador de outros bovinos vivos do Pará, embora tenha apresentado retração de 44,9% no volume comercializado (Tabela 10).

Tabela 10 – Ranking dos dez produtos da pauta exportadora por país de destino, Pará (2024–2025)

Posição	Código NCM	Descrição	Principal país de destino	US\$ Bilhões		Var. (%) 2025/2024	Part. (%) 2025
				2024	2025		
		Pará	-	23,0	24,2	5,4	100,0
1º	26011100	Minérios de ferro	China	9,5	8,4	-11,6	34,6
2º	26030090	Outros minérios de cobre	Alemanha	0,6	0,7	8,0	2,8
3º	28182010	Alumina calcinada	Noruega	0,9	0,9	0,2	3,5
4º	12019000	Soja	China	0,7	0,9	34,0	3,9
5º	02023000	Carnes desossadas de bovino	China	0,5	0,9	80,5	3,8
6º	76011000	Alumínio não ligado	Japão	0,4	0,4	12,8	1,8
7º	71081210	Bulhão dourado	Suíça	0,09	0,6	552,5	2,4
8º	01022990	Outros bovinos vivos	Iraque	0,2	0,1	-44,9	0,5
9º	26030010	Sulfetos de minérios de cobre	China	0,1	0,2	21,5	0,7
10º	72026000	Ferro-níquel	China	0,0	0,1	142,4	0,5
-	-	Demais produtos		9,9	11,0	11,1	45,5

Fonte: MIDC, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Em 2025, 96,9% das exportações do Pará foram escoadas por via marítima, evidenciando a predominância desse modal como principal meio de transporte do comércio exterior estadual. Apenas 3,1% das exportações utilizaram outros modais, como os transportes aéreo, lacustre, rodoviário, além de vias não declaradas. Esse padrão reforça a elevada dependência da infraestrutura portuária para o escoamento das mercadorias paraenses, destacando a relevância de investimentos contínuos nesse setor para sustentar o crescimento das exportações e ampliar a competitividade do estado no mercado internacional (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Composição das vias de escoamento das exportações, Pará (2025)



Fonte: MIDC, 2026.
Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

A análise dos destinos dos principais produtos exportados pelo Pará evidencia forte inserção do estado nos mercados asiático e europeu, com destaque para a China como principal parceiro comercial, especialmente na absorção de minérios, soja e carne bovina. Observa-se, contudo, uma diversificação gradual dos destinos, com expansão da demanda por produtos paraenses em outros países e blocos econômicos. Quanto à logística, o predomínio do transporte marítimo como principal via de escoamento reforça a centralidade da infraestrutura portuária para a competitividade das exportações estaduais, evidenciando a necessidade de investimentos contínuos em logística e transporte para sustentar o crescimento do comércio exterior do Pará.

4. Importações paraenses

Entre 1998 e 2025, as variações das quantidades importadas no Brasil e no Pará foram marcadas por elevada volatilidade, com sucessivos movimentos de expansão e retração. No início do período, ambos apresentam oscilações relativamente moderadas, mas, a partir dos anos 2000, o Pará passa a registrar variações mais intensas do que o agregado nacional, destacando-se os

fortes crescimentos observados entre 2006 e 2008 e, novamente, em 2010, seguidos de quedas acentuadas, o que indica maior sensibilidade da economia estadual a choques externos e a mudanças específicas na pauta de importações (Gráfico 7).

O Brasil, embora também tenha enfrentado flutuações significativas — como a retração em 2009 e a recuperação expressiva em 2010 —, apresenta, em geral, amplitudes menores e trajetória relativamente mais estável. Entre 2011 e 2016, nota-se um período de maior instabilidade e variações negativas em ambos, refletindo um contexto econômico adverso; nos anos mais recentes, observa-se retomada das variações positivas, especialmente no Pará, ainda que com novos episódios de queda. Esse comportamento reforça a ideia de que, ao longo de todo o período analisado, a dinâmica das importações paraenses se mostra mais volátil e menos sincronizada com o comportamento médio do país (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Evolução das variações da quantidade importada – Brasil x Pará (1998–2025)



Fonte: ComexStat, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Já entre 2024 e 2025, o valor importado pelo Brasil apresentou crescimento de 6,7%, resultado que se distribuiu de forma bastante heterogênea entre as unidades federativas. Os maiores volumes continuaram concentrados nos principais estados industrializados e logísticos, com destaque para São Paulo, que além de responder por cerca de 31% do total importado em 2025, registrou expansão significativa de 14,0%, seguido pelo Rio de Janeiro, com alta ainda mais

expressiva (15,2%). Santa Catarina e Paraná apresentaram variações positivas mais moderadas, enquanto Minas Gerais cresceu acima da média nacional (7,8%) (Tabela 11).

Em contraste, alguns estados relevantes apresentaram retração, como Bahia (-12,8%), Amazonas (-0,4%) e Espírito Santo (-0,6%), indicando perda de dinamismo relativo. Entre as unidades com menor participação no total, destacam-se crescimentos percentuais elevados, como Tocantins (126,8%), Paraíba (54,9%), Distrito Federal (38,1%) e Pará (27,9%), embora partindo de bases menores. Por outro lado, quedas acentuadas foram observadas em estados como Amapá (-30,0%), Rio Grande do Norte (-26,6%) e Rondônia (-19,6%), reforçando que a expansão das importações no período foi liderada por poucos polos econômicos, enquanto parte significativa das unidades federativas apresentou estagnação ou retração (Tabela 11).

Tabela 11 – Variação do valor importado, por unidade federativa (2024–2025)

Ranking	UF do Produto	Valor importado (US\$ Milhões)		Var. (%) 2024/2025	Part.(%) 2025
		2024	2025		
1º	Brasil	262.869,61	280.382,94	6,7	100,0
2º	São Paulo	75.882,41	86.517,47	14,0	30,9
3º	Santa Catarina	33.771,59	33.993,79	0,7	12,1
4º	Rio de Janeiro	27.934,20	32.175,36	15,2	11,5
5º	Paraná	19.594,72	20.153,74	2,9	7,2
6º	Minas Gerais	17.016,10	18.339,73	7,8	6,5
7º	Amazonas	16.135,05	16.064,50	-0,4	5,7
8º	Espírito Santo	13.886,95	13.810,30	-0,6	4,9
9º	Rio Grande do Sul	12.980,70	13.421,58	3,4	4,8
10º	Bahia	10.675,13	9.311,07	-12,8	3,3
11º	Pernambuco	7.440,22	7.236,63	-2,7	2,6
12º	Goiás	5.608,64	5.362,67	-4,4	1,9
13º	Maranhão	3.978,47	4.757,99	19,6	1,7
14º	Ceará	3.028,15	2.742,74	-9,4	1,0
15º	Mato Grosso do Sul	2.808,23	2.733,73	-2,7	1,0
16º	Mato Grosso	2.749,70	2.712,66	-1,3	1,0
17º	Pará	2.051,34	2.622,87	27,9	0,9
18º	Distrito Federal	1.634,98	2.257,18	38,1	0,8
19º	Paraíba	1.451,50	2.248,12	54,9	0,8
20º	Rondônia	1.391,83	1.119,60	-19,6	0,4
21º	Alagoas	868,07	991,56	14,2	0,4
22º	Rio Grande do Norte	595,38	436,71	-26,6	0,2
23º	Amapá	546,71	382,78	-30,0	0,1

24º	Sergipe	398,80	348,08	-12,7	0,1
25º	Piauí	277,78	305,68	10,0	0,1
26º	Tocantins	125,88	285,53	126,8	0,1
27º	Roraima	32,35	45,64	41,1	0,0
28º	Acre	4,43	5,18	16,9	0,0
29º	Exterior	0,30	0,05	-83,8	0,0

Fonte: ComexStat, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

O valor importado pelo Pará, entre os últimos dois anos, cresceu de forma expressiva (33,7%), impulsionado principalmente pelo desempenho dos principais municípios importadores, ainda que com intensidades distintas. Barcarena manteve a liderança absoluta, respondendo por 40,4% do total estadual em 2025, com expansão relevante de 27,0%, reforçando seu papel central na logística e no processamento industrial das importações. Belém também apresentou crescimento consistente (26,0%), consolidando-se como o segundo principal polo importador. Destacam-se, ainda, os avanços expressivos de Marabá (90,3%), Parauapebas (67,6%) e Santarém (60,5%), que ampliaram significativamente seus valores importados e ganharam maior peso relativo no total estadual, refletindo a expansão de atividades produtivas e projetos locais (Tabela 12).

Em contraste, Canaã dos Carajás apresentou virtual estabilidade (0,9%), enquanto Ourilândia do Norte (-5,9%) e o grupo “Outros” (-10,4%) registraram retração, indicando perda de dinamismo. Embora com participação ainda reduzida, Ananindeua apresentou o maior crescimento percentual (137,3%), sugerindo forte aumento a partir de uma base pequena. Em conjunto, os dados revelam que a expansão das importações no Pará se concentrou nos principais municípios, com destaque para aqueles ligados a cadeias industriais, logísticas e minerais, ao passo que localidades menores exibiram comportamento mais heterogêneo (Tabela 12).

Tabela 12 – Variação do valor importado, por município – Pará (2024–2025)

Ranking	UF/Município	Valor importado (US\$ Milhões)		Var.(%) 2024/2025	Var.(%) 2025
		2024	2025		
-	Pará	2.051,22	2.742,74	33,7	100
1º	Barcarena	872,69	1.107,99	27,0	40,4
2º	Belém	348,58	439,22	26,0	16,0
3º	Marabá	149,73	284,97	90,3	10,4
4º	Parauapebas	148,29	248,52	67,6	9,1

5º	Santarém	152,72	245,05	60,5	8,9
6º	Itaituba	122,43	154,97	26,6	5,7
7º	Canaã dos Carajás	98,66	99,53	0,9	3,6
8º	Paragominas	31,89	35,02	9,8	1,3
9º	Ourilândia do Norte	30,96	29,14	-5,9	1,1
10º	Ananindeua – PA	8,77	20,82	137,3	0,8
-	Outros	86,49	77,52	-10,4	2,8

Fonte: ComexStat, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Por outro lado, a análise do valor importado por produto no Pará, entre 2024 e 2025, revela que o crescimento expressivo das importações estaduais (33,7%) foi fortemente concentrado em alguns insumos estratégicos, sobretudo energéticos e industriais. O principal destaque foi o gásóleo (óleo diesel), originário principalmente da Rússia, que quase dobrou de valor (+89,5%) e passou a responder por 11,5% do total importado em 2025, consolidando-se como o item de maior peso na pauta estadual. Também se observa forte expansão do gás natural liquefeito, proveniente, em sua maioria, dos Estados Unidos, cujo valor importado cresceu 148,0%, elevando sua participação para 7,5%, o que sugere aumento da demanda energética. Entre os insumos industriais e agroindustriais, destacam-se os superfosfatos (+177,6%) e os *billets* de ferro ou aço não ligado (+87,3%), refletindo dinamismo nos setores mineral, metalúrgico e agrícola. Em contraste, produtos como a ureia apresentaram leve retração (-0,7%), indicando estabilidade ou ajuste pontual da demanda. De modo geral, a estrutura das importações do Pará, em 2025, mostra-se diversificada, mas fortemente ancorada em combustíveis, fertilizantes e insumos industriais básicos, com crescimento impulsionado sobretudo por produtos de maior valor agregado e sensibilidade ao ciclo econômico (Tabela 13).

Tabela 13 – Valor importado, por produto – Pará (2024–2025)

Ranking	UF/Código NCM	Produto	Principal origem	Valor importado (US\$ Milhões)		Var. (%) 2024/2025	Part.(%) 2025
				2024	2025		
-	Pará	-	-	2.051,3	2.742,7	33,7	100
1º	27101921	Gasóleo (óleo diesel)	Rússia	167,0	316,5	89,5	11,5
2º	28151200	Hidróxido de sódio (soda cáustica)	Estados Unidos	205,6	228,6	11,2	8,3
3º	27111100	Gás natural liquefeito	Estados Unidos	82,5	204,7	148,0	7,5
4º	31042090	Outros cloretos de potássio	Canadá	160,9	183,3	13,9	6,7

5º	27101259	Outras gasolinas, exceto para aviação	Rússia	100,5	103,1	2,6	3,8
6º	31031100	Superfosfatos	Marrocos	35,8	99,2	177,6	3,6
7º	72071110	Billets de ferro ou aço não ligado	China	52,9	99,0	87,3	3,6
8º	31021010	Ureia	Venezuela	95,1	94,4	-0,7	3,4
9º	31031900	Outros superfosfatos	Egito	55,4	87,7	58,3	3,2
10º	27131200	Coque de petróleo calcinado	Estados Unidos	59,0	86,3	46,1	3,1

Fonte: ComexStat, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

O crescimento do valor importado pelo Pará, nos últimos dois anos (33,7%), foi sustentado principalmente pelas atividades industriais, com destaque para a Indústria de transformação, que manteve ampla predominância na pauta estadual, respondendo por 87,0% das importações em 2025 e apresentando expansão de 31,3%. Ainda mais expressiva foi a Indústria extrativa, que, embora com participação menor (10,5%), registrou a maior variação percentual do período (+75,3%), evidenciando aumento significativo da demanda por insumos e bens associados às atividades minerárias. Em contraste, a Agropecuária apresentou estabilidade relativa, com leve retração de 0,6%, mantendo participação modesta no total importado (2,5%), enquanto o grupo de Outros produtos mostrou queda mais acentuada (-11,8%), porém com impacto marginal sobre o resultado agregado. Assim, a dinâmica das importações paraenses, no período, reflete uma forte dependência e dinamismo das atividades industriais, especialmente da transformação e da extração, que foram decisivas para a expansão observada (Tabela 14).

Tabela 14 – Variação do valor importado, por atividade econômica – Pará (2024–2025)

Código ISIC	Descrição ISIC Seção	Valor importado (US\$ Milhões)		Var.(%) 2024/2025	Part.(2025)
		2024	2025		
-	Pará	2.051,3	2.742,7	33,7	100
C	Indústria de transformação	1.818,2	2.386,4	31,3	87,0
B	Indústria extrativa	164,3	288,0	75,3	10,5
A	Agropecuária	68,1	67,7	-0,6	2,5
D	Outros produtos	0,8	0,7	-11,8	0,0

Fonte: ComexStat, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

4.1 Origem das importações paraenses

O valor importado pelo Pará, por bloco econômico¹, entre 2024 e 2025, revela um crescimento disseminado, embora com intensidades distintas entre as regiões. Destacam-se as importações provenientes da América do Norte, que apresentaram aumento expressivo de 37,4%, consolidando-se como uma das principais origens dos fluxos comerciais do estado, bem como da Ásia (excluído o Oriente Médio), que registrou expansão ainda mais elevada (54,4%), indicando fortalecimento das relações com fornecedores asiáticos. A África também apresentou crescimento relevante (37,8%), enquanto a América do Sul avançou de forma mais moderada (17,0%). Em contraste, observam-se retrações nas importações oriundas da União Europeia (-16,0%) e do Mercosul (-5,9%), sugerindo perda de participação relativa desses blocos na pauta paraense. Chama atenção o forte crescimento percentual da América Central e Caribe (2.195,3%), embora partindo de uma base muito reduzida, assim como os avanços da ASEAN (64,8%) e da Oceania (69,6%). De modo geral, o resultado evidencia a diversificação das origens das importações do Pará, com maior dinamismo de blocos extraeuropeus no período analisado (Tabela 15).

Tabela 15 – Variação do valor importado, por bloco econômico – Pará (2024–2025)

Blocos econômicos	Valor importado (US\$ Milhões)		Var.(%) 2024/2025
	2024	2025	
América do Norte	675,9	928,8	37,4
Europa	658,9	794,1	20,5
Ásia (Exclusive Oriente Médio)	345,2	533,0	54,4
União Europeia (eu)	269,0	226,1	-16,0
América do Sul	184,9	216,2	17,0
África	100,4	138,4	37,8
Oriente Médio	80,1	92,4	15,4
Comunidade Andina das Nações (CAN)	83,2	86,6	4,1
Mercado Comum do Sul (Mercosul)	71,5	67,3	-5,9
Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)	32,2	53,1	64,8
América Central e Caribe	1,4	31,4	2195,3
Oceania	4,6	7,8	69,6

Fonte: ComexStat, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

¹ O total é superior devido à provável contagem duplicada de países que pertencem a uma região e que também fazem parte dos blocos analisados, não sendo possível uma desagregação via base de dados.

Os principais países de origem das importações do Pará formam um grupo que evidencia forte concentração em poucos parceiros comerciais, responsáveis pela maior parte do crescimento observado no período. Os Estados Unidos mantiveram a liderança absoluta, com aumento de 37,2% no valor importado e participação de 32,0% em 2025, seguidos pela Rússia, que apresentou expansão expressiva de 49,5% e respondeu por 20,4% do total, impulsionada sobretudo por combustíveis e derivados. A China destacou-se pelo crescimento mais acelerado entre os principais parceiros (+97,6%), elevando sua participação para 13,8% e consolidando-se como o terceiro maior fornecedor do estado. Em contraste, países sul-americanos tradicionais, como a Argentina (-9,0%) e, em menor grau, a Colômbia (+2,8%), mostraram desempenho mais modesto ou negativo. Entre os países europeus e africanos, observa-se comportamento heterogêneo, com retrações nas importações oriundas da Alemanha (-14,1%) e forte avanço do Marrocos (+279,8%), ainda que com participação relativamente pequena. De modo geral, o ranking revela que a expansão das importações paraenses foi liderada por Estados Unidos, Rússia e China, ao mesmo tempo em que houve diversificação de fornecedores, especialmente entre países africanos e europeus de menor peso relativo (Tabela 16).

Tabela 16 – Ranking dos dez países de origem dos maiores valores importados – Pará (2024–2025)

Ranking	UF/País	Valor importado (US\$ Milhões)		Var.(%) 2024/2025	Part.(%) 2025
		2024	2025		
-	Pará	2.051,3	2.742,7	33,7	100
1º	Estados Unidos	640,1	878,1	37,2	32,0
2º	Rússia	373,6	558,5	49,5	20,4
3º	China	191,5	378,5	97,6	13,8
4º	Colômbia	81,9	84,2	2,8	3,1
5º	Argentina	67,3	61,3	-9,0	2,2
6º	Alemanha	61,5	52,9	-14,1	1,9
7º	Egito	38,5	51,8	34,3	1,9
8º	Marrocos	13,5	51,1	279,8	1,9
9º	Índia	46,4	50,6	9,0	1,8
10º	Países Baixos (Holanda)	27,0	43,4	60,5	1,6
-	Demais países	509,9	532,4	4,4	19,4

Fonte: ComexStat, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Em relação aos produtos com maiores valores importados pelo Pará, entre os anos de 2024 e 2025, observa-se que a expansão das importações estaduais foi fortemente concentrada em poucos itens estratégicos e em países específicos de origem. Os combustíveis e energéticos

assumem papel central, com destaque para o gásóleo (óleo diesel), importado majoritariamente da Rússia, que registrou crescimento expressivo de 89,5% e passou a responder por 11,5% do total importado em 2025, consolidando-se como o principal item da pauta. Também se sobressaem as importações provenientes dos Estados Unidos, especialmente de hidróxido de sódio (+11,2%) e gás natural liquefeito, este último com expansão muito elevada (+148,0%), refletindo aumento da demanda por insumos energéticos e industriais. No segmento de fertilizantes, observa-se forte dinamismo dos superfosfatos originários principalmente do Marrocos (+177,6%) e do Egito (+58,3%), além da estabilidade relativa da ureia proveniente, em grande parte, da Venezuela (-0,7%), indicando comportamentos distintos dentro do mesmo grupo de produtos. As importações de produtos siderúrgicos, como os *billets* de ferro ou aço não ligado, oriundos majoritariamente da China, também cresceram de forma significativa (+87,3%), sinalizando aquecimento de atividades industriais e de infraestrutura. Em conjunto, o ranking revela elevada concentração em combustíveis, fertilizantes e insumos industriais básicos, com crescimento impulsionado sobretudo por fornecedores como Rússia, Estados Unidos e China, reforçando a dependência do Pará de poucos produtos-chave e parceiros comerciais estratégicos (Tabela 17).

Tabela 17 – Ranking dos dez produtos com maiores valores importados, por país de origem – Pará (2024–2025)

Código NCM	Descrição NCM	Países	Valor importado (US\$ Milhões)		Var. (%) 2024/2025	Part.(%) 2025
			2024	2025		
-	Pará	-	2.051,3	2.742,7	33,7	100
27101921	Gasóleo (óleo diesel)	Rússia	167,0	316,5	89,5	11,5
28151200	Hidróxido de sódio (soda cáustica)	Estados Unidos	205,6	228,6	11,2	8,3
27111100	Gás natural liquefeito	Estados Unidos	82,5	204,7	148,0	7,5
31042090	Outros cloretos de potássio	Rússia	160,9	183,3	13,9	6,7
27101259	Outras gasolinas, exceto para aviação	Rússia	100,5	103,1	2,6	3,8
31031100	Superfosfatos	Marrocos	35,8	99,2	177,6	3,6
72071110	<i>Billets</i> de ferro ou aço não ligado	China	52,9	99,0	87,3	3,6
31021010	Ureia	Venezuela	95,1	94,4	-0,7	3,4
31031900	Outros superfosfatos	Egito	55,4	87,7	58,3	3,2
27131200	Coque de petróleo calcinado	Estados Unidos	59,0	86,3	46,1	3,1

Fonte: ComexStat, 2026.

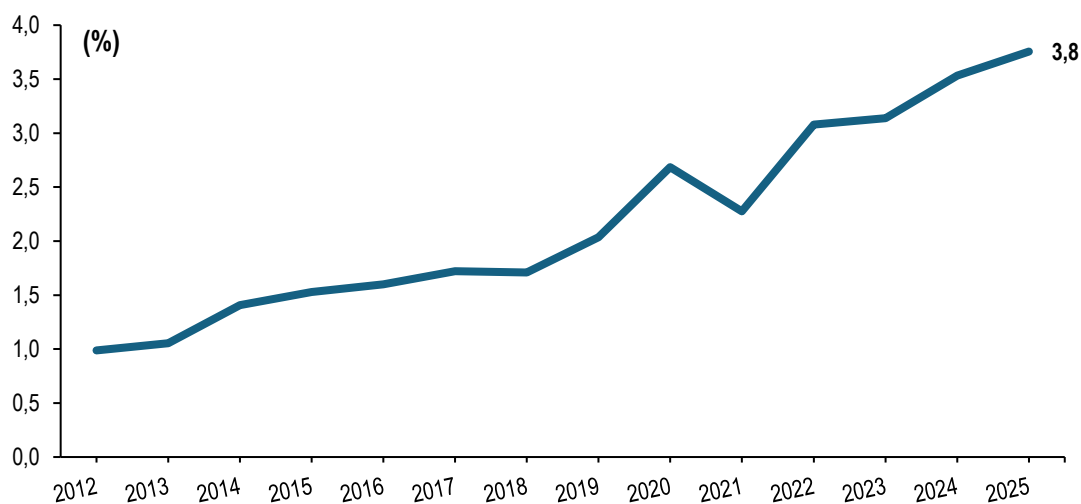
Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

5. Box – O contexto das exportações de soja no Pará

A soja consolidou-se como um dos principais pilares do agronegócio paraense, exercendo papel estratégico na pauta exportadora do estado ao articular produção agrícola, logística e inserção internacional, especialmente a partir do avanço da fronteira agrícola e da infraestrutura portuária.

Nota-se que a participação da soja² nas exportações totais do Pará apresenta trajetória claramente ascendente ao longo do período analisado, com aceleração mais evidente a partir da década de 2010. Inicialmente em patamares próximos a 1%, a participação cresce de forma gradual e relativamente estável até 2018, refletindo a expansão progressiva da quantidade exportada. A partir de 2019, o avanço torna-se mais intenso, com destaque para o salto observado em 2020, seguido de breve retração em 2021, possivelmente associada a fatores conjunturais de mercado e logística. Nos anos subsequentes, a tendência de alta é retomada, culminando, em 2025, na maior participação da série, em torno de 3,8%. Esse comportamento evidencia não apenas o aumento consistente da quantidade exportada de soja, mas também o fortalecimento de sua relevância relativa na estrutura exportadora do Pará, indicando maior especialização do estado nesse complexo produtivo ao longo do tempo (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Evolução da quantidade exportada de soja e sua participação nas exportações totais do país – Pará (1997–2025)



Fonte: ComexStat, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

² A base de dados apresenta, para o Pará, valores a partir de 2012, os quais correspondem à soja, mesmo triturada, exceto para semeadura, com exceção dos anos de 2020 e 2023, nos quais se soma a soja também destinada à semeadura. No Brasil, foram apresentados dados referentes aos dois tipos de soja, os quais foram somados para a realização da análise.

No âmbito geral, observou-se forte concentração regional das exportações brasileiras de soja em 2025, com crescimento agregado de 9,5% no volume nacional, que passou de 98,8 para 108,2 milhões de toneladas. O Mato Grosso mantém ampla liderança no ranking, respondendo por 29,6% do total exportado, impulsionado por expressivo aumento de 29,5% em relação a 2024. Na sequência, destacam-se Goiás, com 11,9% de participação e crescimento de 22,1%, e o Paraná, que, apesar de ocupar a terceira posição, apresentou retração de 7,1%, sinalizando perda relativa de dinamismo. O Rio Grande do Sul também registrou queda acentuada (-21,8%), reduzindo sua participação para 7,7%. Em contrapartida, estados do MATOPIBA e da região Norte, como Maranhão, Tocantins e Pará, apresentaram avanços relevantes, reforçando o deslocamento parcial da expansão da soja para novas fronteiras agrícolas. O Pará, em particular, alcançou a 10ª posição no ranking, com crescimento de 16,4% e participação de 3,8%, consolidando sua inserção no mercado exportador. Já as unidades federativas com menor participação mantêm volumes residuais, ainda que algumas apresentem taxas elevadas de crescimento percentual, explicadas por bases produtivas muito reduzidas (Tabela 18).

Tabela 18 – Ranking das unidades federativas com maior quantidade de soja exportada – Brasil (2024–2025)

Ranking	UF	Milhões (ton.)		Var.(%) 2024/2025	Part.(%) 2025
		2024	2025		
-	Brasil	98.814,5	108.181,1	9,5	100
1º	Mato Grosso	24.727,2	32.010,6	29,5	29,6
2º	Goiás	10.550,2	12.885,7	22,1	11,9
3º	Paraná	12.134,6	11.275,1	-7,1	10,4
4º	Rio Grande do Sul	10.601,8	8.289,7	-21,8	7,7
5º	Minas Gerais	6.785,1	6.808,9	0,4	6,3
6º	Mato Grosso do Sul	6.601,5	6.112,0	-7,4	5,6
7º	Bahia	5.514,4	5.588,3	1,3	5,2
8º	Maranhão	4.367,3	5.053,4	15,7	4,7
9º	São Paulo	3.959,8	4.532,3	14,5	4,2
10º	Pará	3.489,7	4.062,6	16,4	3,8
11º	Tocantins	3.088,1	3.923,3	27,0	3,6
12º	Rondônia	2.233,5	2.659,6	19,1	2,5
13º	Piauí	2.624,0	2.457,7	-6,3	2,3
14º	Santa Catarina	1.504,2	1.608,6	6,9	1,5
15º	Não Declarada	174,7	352,4	101,8	0,3
16º	Roraima	146,1	232,9	59,4	0,2
17º	Distrito Federal	233,1	226,6	-2,8	0,2

18º	Acre	52,4	54,4	3,8	0,1
19º	Amazonas	24,5	23,9	-2,1	0,0
20º	Amapá	1,6	21,5	1226,7	0,0
21º	Espírito Santo	0,0	1,3	7776,3	0,0
22º	Pernambuco	0,0	0,0	937,9	0,0
23º	Rio de Janeiro	0,5	0,0	-100,0	0,0
24º	Ceará	0,0	0,0	-	0,0

Fonte: ComexStat, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

Mesmo demonstrando, na conjuntura dos municípios³, retração de 17,4% no volume total de soja exportado pelo Pará entre 2024 e 2025, o ranking municipal permanece fortemente concentrado em poucos polos produtivos e logísticos. Paragominas mantém a liderança, com estabilidade no volume exportado, respondendo por 37,9% do total estadual, o que evidencia sua posição consolidada na cadeia da soja. Santarém e Barcarena aparecem na sequência, ambos com participação de 17,8%, embora apresentem dinâmicas distintas: enquanto Santarém registra expressivo crescimento de 44,5%, reforçando sua relevância crescente, Barcarena apresenta queda de 24,8%, refletindo possível redução de fluxos logísticos ou reacomodação das exportações. Redenção, apesar de figurar entre os maiores exportadores, sofre forte retração (-52,8%), perdendo participação relativa. Municípios como Dom Eliseu e Santana do Araguaia, embora ainda com parcelas modestas, destacam-se pelas elevadas taxas de crescimento, indicando expansão recente da atividade exportadora. Em contrapartida, a redução acentuada ou a interrupção das exportações em municípios como Itaituba e Novo Progresso contribuem para o desempenho negativo agregado do estado, evidenciando um cenário de redistribuição interna das exportações de soja no Pará (Tabela 19).

Tabela 19 – Ranking dos municípios com maior quantidade exportada de soja – Pará (2024–2025)

Ranking	UF/Município	Milhões (ton.)		Var.(%) 2024/2025	Part.(%) 2025
		2024	2025		
-	Pará	4.500,4	3.719,3	-17,4	100
1º	Paragominas	1.402,7	1.409,3	0,5	37,9
2º	Santarém	457,0	660,5	44,5	17,8
3º	Barcarena	878,2	660,4	-24,8	17,8
4º	Redenção	1.310,0	617,7	-52,8	16,6
5º	Itaituba	346,4	187,1	-46,0	5,0

³ A plataforma ComexStat apresenta uma diferença entre valores totais do estado, quando avaliados os municípios, e os valores totais, quando analisados somente os estados.

6º	Dom Eliseu	21,5	81,4	278,0	2,2
7º	Santana do Araguaia	11,0	33,4	203,1	0,9
8º	Tailândia	0,0	32,5	-	0,9
9º	Conceição do Araguaia	22,0	20,8	-5,4	0,6
10º	Rondon do Pará	22,1	16,1	-27,5	0,4
11º	Novo Progresso	29,3	0,0	-100,0	0,0

Fonte: ComexStat, 2026.

Elaboração: CEEAC/FAPESPA, 2026.

5.1 Panorama do contexto da moratória da soja no Pará em 2026

A Moratória da Soja é um acordo voluntário iniciado em 2006 entre grandes *tradings* e processadores de soja, entidades representativas do setor e organizações socioambientais, com o objetivo de proibir a compra e a comercialização de soja oriunda de áreas desmatadas na Amazônia após 22 de julho de 2008, mesmo que licenciadas sob o Código Florestal Brasileiro. A iniciativa contou com o respaldo do governo federal e foi prorrogada por prazo indeterminado em 2016, sendo associada a uma redução significativa do desmatamento ligado à soja, ao mesmo tempo em que permitiu a expansão da produção agrícola no país.

Por quase duas décadas, o pacto foi visto como um dos mecanismos mais bem-sucedidos de diminuição do desmatamento associado à soja, sendo reconhecido por organizações não governamentais (ONGs) e por mercados internacionais como um selo de sustentabilidade para as exportações brasileiras. Sua eficácia decorria do compromisso assumido por grandes compradores de não adquirir soja proveniente de áreas com desmatamento recente, fortalecendo a reputação ambiental do setor perante consumidores, especialmente na Europa e na Ásia.

Em 2024, o estado de Mato Grosso aprovou a Lei Estadual nº 12.709/2024, que passou a vigorar em 1º de janeiro de 2026, estabelecendo que empresas signatárias de acordos como a Moratória poderiam perder incentivos fiscais e acesso a terrenos públicos caso mantivessem restrições ambientais além da legislação nacional. A lei foi defendida por associações de produtores rurais como forma de resguardar a segurança jurídica e evitar exigências consideradas excessivas em relação ao Código Florestal.

Como consequência, a ABIOVE (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais), principal associação que congrega grandes *tradings* e exportadores, comunicou oficialmente sua desfiliação da Moratória da Soja no início de janeiro de 2026, declarando que o acordo cumpriu

seu papel histórico e que os associados continuariam adotando práticas sustentáveis de forma individual.

Esta restrição imposta pela lei de Mato Grosso foi alvo de Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) nº. 7774 no Supremo Tribunal Federal (STF). O relator da ação, ministro Flávio Dino, já havia reconhecido a validade de parte da lei, especialmente no que tange à retirada de incentivos fiscais e essa questão tem sido debatida sob o prisma da livre iniciativa, da competência tributária do estado e da proteção ambiental constitucional.

Além disso, a Advocacia-Geral da União (AGU) tem solicitado ao STF a prorrogação de suspensões relativas à aplicação da lei, argumentando que a retirada de incentivos pode levar empresas a abandonarem compromissos voluntários que, historicamente, contribuíram para a redução do desmatamento. Enquanto o mérito da ADI ainda não foi definitivamente julgado, há divisão jurídica e política quanto à legitimidade de um estado penalizar empresas engajadas em um pacto multissetorial.

Nenhuma das grandes *tradings* associadas à ABIOVE (ADM, Bunge, Cargill, Amaggi, JBS/CHS, COFCO, LDC, Viterro) é tradicionalmente sediada no Pará, mas muitas operam por terminais portuários no Arco Norte (como Barcarena, Miritituba e Santarém) para a exportação de soja produzida no Centro-Oeste e no próprio Pará. Empresas de menor porte, sediadas no Pará, também participavam da Moratória da Soja por meio de outras associações (ANEC ou GTS); contudo, a lista oficial da ABIOVE concentra-se nos grandes processadores e exportadores que compõem a cadeia global, não nas empresas locais diretamente.

Com a retirada da ABIOVE e de cerca de 19 *tradings* da Moratória da Soja em 2026, muitos desses grandes exportadores deixaram de constar publicamente como signatários do pacto, mesmo que decisões operacionais individuais relacionadas à rastreabilidade ou a compromissos internos possam ter sido mantidas em várias dessas empresas. Em suma, a maioria dos grandes exportadores ligados à soja no Brasil era associada à ABIOVE; esses grupos continuam operando exportações no Pará, mas deixaram de figurar como aderentes oficiais da Moratória da Soja após a atualização do site oficial do pacto em 2026.

O Acordo Mercosul–União Europeia, nesse contexto, configura-se como um vetor externo de pressão regulatória que tende a operar em direção oposta à flexibilização simbolizada pelo enfraquecimento da Moratória da Soja. Embora o texto do acordo não imponha formalmente a adesão a pactos privados específicos, ele incorpora cláusulas ambientais vinculantes,

especialmente o compromisso com o Acordo de Paris e com políticas de combate ao desmatamento ilegal. Na prática, isso desloca a exigência ambiental do plano voluntário (como a Moratória) para o plano comercial e regulatório, associando-a ao acesso preferencial ao mercado europeu.

A União Europeia é um dos mercados mais sensíveis à origem ambiental das *commodities* agrícolas, e o acordo reforça essa lógica ao permitir que barreiras comerciais, salvaguardas e até a suspensão de benefícios tarifários sejam acionadas caso haja percepção de retrocesso ambiental sistemático. Assim, a retirada da ABIOVE da Moratória, somada à lei de Mato Grosso, pode ser interpretada por atores europeus como um sinal de risco reputacional, aumentando a probabilidade de exigências adicionais de rastreabilidade, certificações privadas ou auditorias independentes — mesmo fora do texto formal do acordo.

Além disso, o Acordo Mercosul–UE dialoga diretamente com a Regulamentação Europeia sobre Produtos Livres de Desmatamento (EUDR), que entrará plenamente em vigor nos próximos anos. Essa norma exige comprovação de que produtos como a soja não estejam associados ao desmatamento após 31 de dezembro de 2020. Nesse cenário, a ausência de um instrumento coletivo como a Moratória da Soja não elimina a exigência ambiental, mas desloca o ônus para cada empresa exportadora, individualmente, elevando os custos de conformidade e o risco de exclusão de pequenos e médios produtores da cadeia exportadora.

Do ponto de vista do Pará, fortemente integrado ao escoamento de soja pelo Arco Norte, o impacto tende a ser assimétrico. Grandes *tradings* internacionais com atuação no estado possuem capacidade técnica e financeira para atender às exigências europeias mesmo sem a Moratória, mantendo políticas próprias de “zero desmatamento”. Já empresas regionais e exportadores de menor porte podem enfrentar barreiras indiretas de acesso ao mercado europeu, sendo direcionados para mercados menos exigentes ambientalmente, como parte da Ásia e do Oriente Médio. Assim, o acordo Mercosul–UE não apenas condiciona o debate jurídico e político sobre a Moratória, como reintroduz a agenda ambiental pela via comercial, tornando economicamente relevante aquilo que deixou de ser obrigatório no plano voluntário.

6. Conclusão

Os dados apresentados evidenciam que o comércio exterior do Pará segue desempenhando papel central na dinâmica econômica estadual, confirmando o estado como um dos principais polos exportadores do país e um território profundamente integrado aos fluxos

globais de commodities. O superávit comercial recorrente, a elevada razão exportações/PIB e a manutenção do Pará entre os maiores saldos da balança comercial brasileira demonstram a força de sua inserção internacional. Ao mesmo tempo, o estudo mostra que essa inserção permanece fortemente ancorada em bases produtivas concentradas, tanto do ponto de vista setorial quanto territorial, com predominância da indústria extrativa, forte peso de poucos produtos e elevada participação de um número restrito de municípios nas exportações estaduais.

Os resultados também indicam que, embora o desempenho exportador de 2025 tenha sido positivo, com crescimento do valor exportado e avanço de segmentos como a indústria de transformação e a agropecuária, persistem vulnerabilidades estruturais associadas à dependência do mercado internacional de commodities minerais. A forte concentração das vendas em minério de ferro, cobre e alumina, bem como a elevada exposição ao mercado chinês, reforçam a sensibilidade da economia paraense a oscilações de preços, à demanda externa e a mudanças geopolíticas. Em paralelo, o crescimento das importações, concentrado em combustíveis, fertilizantes e insumos industriais, revela expansão das atividades produtivas, mas também evidencia a dependência de fornecedores estratégicos externos, especialmente Estados Unidos, Rússia e China.

No caso da soja, o estudo evidencia o avanço de sua importância relativa na pauta exportadora e a maior inserção do Pará nesse mercado, mas também destaca desafios regulatórios e reputacionais associados ao enfraquecimento da Moratória da Soja e às novas exigências ambientais internacionais, especialmente no contexto do acordo Mercosul–União Europeia e da EUDR. Assim, o principal achado deste boletim é o fato de o Pará combinar vigor exportador com alta exposição externa, o que torna essencial avançar na diversificação produtiva, na agregação de valor, no fortalecimento logístico e na adaptação às novas exigências ambientais e comerciais do cenário global.

Referências

Fundação Amazônia de Amparo a estudos e pesquisas (FAPESPA). **Relatório PIB do Pará 2023**. Disponível em: <https://www.fapespa.pa.gov.br/pib-estadual/>. Acesso em 16 jan. 2026.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto Interno Bruto a Preços Correntes**. Rio de Janeiro: PIB, 2023. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6784>. Acesso em: 14 jan. 2026.

Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA). **Taxa de Câmbio**. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/ExibeSerie.aspx?serid=31924>. Acesso em 16 jan. 2026.

MIDC - Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Estatística do Comércio Exterior Brasil**. <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

MIDC - Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Estatística do Comércio Exterior Municípios**. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>. Acesso em: 13 jan. 2026.